BOLETIM

Nº 38 - Julho 2026

DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL
fundada a 5 de julho de 2005 com o objetivo de promover a causa da canonização do padre Henri Caffarel

49 rue de la glacière 75013 paris - France
association-amis@henri-caffarel.org
www.henri-caffarel.org

Sumário

Editorial
Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez

Atualidades dos Amigos do Padre Caffarel 5
Um novo site

Estado da Causa de Canonização 6
Venerável Henri Caffarel, a urgência
Padre Paul-Dominique Marcovits, Vice-postulador romano

Testemunho de graças recebidas 8
Francisco Herrera Morillas

Arquivos do Padre Caffarel
Francisco, quem és tu? Que tens a dizer-nos? 9

Oração para a canonização do Padre Caffarel 24

Membros honorários 25

Ficha para a renovação da sua adesão 27

Na última página encontra uma ficha que lhe permite renovar a sua adesão para o ano de 2026, se ainda não o fez.

No verso desta ficha pode inscrever os nomes de amigos a quem deseja que mandemos um pedido de adesão

Editorial

Por Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez,
Casal responsável da Equipa Responsável
Internacional das Equipas de Nossa Senhora

Querida família da associação dos Amigos do Padre Caffarel,

Esta é a nossa primeira comunicação desde que recebemos a notícia do reconhecimento do Padre Henri Caffarel como Venerável, no passado dia 23 de Março. A imprensa e os meios de comunicação católicos e generalistas internacionais fizeram-se imediatamente eco desta notícia, salientando o contributo do Padre Henri Caffarel para a reflexão da Igreja sobre o sacramento do matrimónio e a espiritualidade conjugal. Mas o que é que isto significa para nós? As pessoas a quem este Boletim se destina já estão convencidas da sua importância. O que vos pedimos é que o dêem a conhecer a todos aqueles para quem isto ainda é algo estranho, ou que possam até sentir algumas reticências.

Isto levou-nos a reflectir sobre a figura do Padre Henri Caffarel enquanto fundador de um movimento — as Equipas de Nossa Senhora — que é o que nos une a todos. O facto de ele se ter afastado, apesar de ainda estar vivo — quando é habitual que os fundadores permaneçam à frente da direcção até ao fim dos seus dias — levou-nos a considerar vários aspetos que nos podem ajudar a compreendê-lo melhor.

Em 1973, o Padre Henri Caffarel reconheceu que, aos 70 anos e após 35 anos nas Equipas — metade da sua vida —, tinha de deixar a direcção. Ele insistia no facto de que renunciar à sua missão não significava abandonar o Movimento que levava no coração; e retirava-se com serenidade, após um período de transição durante o qual os seus sucessores se tinham preparado para assumir o comando[1]. Deixava-o com a firme intenção de continuar a rezar por ele, ajudando-o à maneira de Moisés, que rezava na montanha com os braços estendidos para Deus,

[1] Conferência do Padre Henri Caffarel aos responsáveis de Sector, 25 de Março de 1973.

convencido da insubstituível importância da oração[2]. Se as Equipas de Nossa Senhora tivessem sido outra coisa que não uma obra pessoal, se fossem uma obra do Espírito Santo dotada de um carisma concreto entregue à Igreja, elas perdurariam. E aqui estamos nós ainda, procurando ser fiéis a essa intuição fundadora que ofereceu este carisma à Igreja, graças a ele e aos primeiros casais que o procuraram, desejosos de aprofundar e de viver a graça do sacramento do matrimónio. Um carisma é um dom de Deus que o Espírito inspira numa pessoa ou num grupo de pessoas para responder a uma necessidade que torna presente o Amor de Deus num determinado momento histórico. Um dom de Deus não pode ser manipulado. Um dom, um presente, deve ser recebido com gratidão, respeitado, aprofundado e partilhado. O nosso Movimento recebeu um carisma do Espírito: proclamar que o amor conjugal é um caminho para Deus em casal, e que esse caminho, com a graça de Deus e percorrido ao lado de outros casais, será facilitado pela ajuda mútua. O crescimento e a expansão das Equipas no mundo constituem uma grande prova da fecundidade deste carisma.

Apreciamos a confiança que o Padre Henri Caffarel depositou na equipa que deixou à frente do movimento. Apreciamos a sabedoria segundo a qual a passagem do testemunho é necessária, que é preciso dar lugar a outros para que haja renovação, que ninguém se perpetue nas responsabilidades, e que todos regressemos, depois de um tempo determinado, à nossa equipa de base para continuar a nossa vida em equipa, uma vez cumprido o nosso serviço. Este sentido de corresponsabilidade e de colegialidade está na base do funcionamento do nosso movimento. Lembrou-nos da importância da oração: quem se retira de um serviço não o faz exausto e cansado por ter dedicado uma parte da sua vida aos outros; deve fazê-lo com o compromisso de continuar a rezar por aqueles que lhe sucederão, de continuar a pedir que o Espírito Santo ilumine o seu discernimento e o seu serviço.

O Padre Henri Caffarel não agia a partir da sua força pessoal, mas a partir da consciência da Presença de Deus e do Espírito Santo que agia através dele, convencido de que toda a vida autêntica nasce da união com Deus; é por isso que insiste repetidamente na força da oração. Através da docilidade, da humildade e

[2] Henri Caffarel, «À Deus», Editorial da carta das Equipas de Nossa Senhora, Maio-Junho 1973.

da disponibilidade, o Padre Henri Caffarel recebeu este dom que soube transmitir à Igreja. Se consideramos o Padre Henri Caffarel como profeta do matrimónio, é porque ele nos conduziu à comunhão com Deus, nunca por causa de qualquer protagonismo pessoal. O verdadeiro profeta conduz os corações de volta ao Pai. Queremos dar-lhe graças pela intuição fundadora, pela autenticidade da sua mensagem, pela confiança depositada em cada um de nós, pela oração constante por todos, pelos ensinamentos que todas estas atitudes nos oferecem para a nossa própria vida de equipa. Obrigado pela sua intercessão contínua em favor das Equipas de Nossa Senhora.

Enviamos-vos um abraço, em comunhão de oração.

Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez
Responsáveis Internacionais, Equipas de Nossa Senhora,
Valência, 18 de Junho de 2026

Actualidades da Associação:
Um novo site

Está a ser finalizada uma nova versão do site da Associação dos Amigos do Padre Caffarel.

Continuando disponível em cinco línguas (francês, espanhol, português, inglês e italiano), tem como objectivo promover a obra e os escritos do Padre Henri Caffarel.

Os escritos estão agrupados em torno de sete eixos do seu pensamento: a oração, a Virgem Maria, o sacramento do matrimónio, a espiritualidade conjugal, a viuvez, o sacerdote e o casal, e a missão do casal.

À medida que for sendo finalizado, o site disponibilizará os textos digitalizados do Padre Henri Caffarel, nas cinco línguas, bem como alguns vídeos através do canal do YouTube dos Amigos do padre Caffarel.

Agora que foi dado um passo decisivo com o reconhecimento das virtudes heróicas de Henri Caffarel e a atribuição do título de Venerável, o site continua a ser uma ferramenta ao serviço da causa de canonização e um elo de ligação entre todos os interessadas na causa, em particular os correspondentes da Associação em todo o mundo.

Os Amigos do Padre Caffarel

Estado da Causa de Canonização do Padre Henri Caffarel

Pelo Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.
Vice-postulador romano

Venerável Henri Caffarel, a urgência

Tudo começou em 2006, dez anos após a sua morte, com a abertura da causa de canonização pelo arcebispo de Paris. E todos se põem ao trabalho: é o inquérito diocesano, que consiste na análise dos arquivos e na audição das inúmeras testemunhas da sua vida. A comissão histórica redige uma biografia detalhada, ano a ano, e a comissão teológica examina os seus numerosos escritos para se certificar da sua fidelidade à doutrina da Igreja: tudo isto resulta em cinco caixas, contendo o processo de 5 500 páginas, que foram enviadas para Roma. O Dicastério para as Causas dos Santos declara o inquérito conforme às normas da Igreja. Estamos em 2015. A *Positio*, um texto de 900 páginas elaborado com base no inquérito diocesano, apresenta a vida do Padre Caffarel, repleta de obras ao serviço do Senhor e da sua Igreja, e a sua prática heróica das virtudes. É entregue no Dicastério em Junho de 2022. A 23 de Março de 2026, o Papa Leão XIV assina o decreto que declara Venerável o Servo de Deus Henri Caffarel. Fim do primeiro capítulo. A Igreja cumpriu a sua missão nesta terra! Cabe a Deus aprová-la!

Hoje começa, portanto, o segundo capítulo: o da assinatura de Deus, o milagre. O milagre — uma cura física, imediata, definitiva e inexplicável pela ciência, por intercessão do Padre Caffarel — é o selo de Deus que confirma o desejo da Igreja de o proclamar beato.

Que objectivo queremos alcançar? O objectivo das Equipas de Nossa Senhora é avançar, através do sacramento do matrimónio, no caminho da santidade: o amor humano, vivido em cada casal, é habitado pelo amor de Deus. A graça do matrimónio, progressivamente, purifica, pacifica e faz

florescer o amor humano e abre cada casal aos outros, aos filhos que Deus concede, aos outros casais e ao mundo. A entreajuda no seio das Equipas estimula-nos a alcançar esse objectivo.

Padres e casais, todos recebemos a vocação do amor. Temos nas mãos um tesouro: não podemos guardar egoisticamente para nós a luminosa mensagem do Padre Caffarel sobre o matrimónio e a oração. O objectivo da sua beatificação é, pois, este: que o maior número possível de homens e mulheres descubra, através dele, o amor de Deus e a sua presença no coração do amor humano. O Padre Henri Caffarel cumpriu a sua missão na terra; agora, somos nós os seus mensageiros.

É urgente. Rezar, rezar, rezar. Pedir a Deus um milagre é pedir a Deus que manifeste o seu amor através da figura do seu servo, o Padre Caffarel. Não temos dúvidas de que o milagre acontecerá. Muitas pessoas já recebem graças pela sua intercessão; neste ímpeto, Deus responderá aos seus filhos que não cessam de insistir!

É urgente, a nossa missão é essencial: que aqueles que se amam descubram ainda mais a grandeza do sacramento do matrimónio, a alegria de amar, sustentados pelo amor eterno de Deus.

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.
Vice-Postulador romano

Intercessão do Padre Caffarel

Testemunho de graças recebidas

Com este testemunho que nos enviaram de Espanha os nossos amigos Francisco e a sua mulher, damos continuidade a esta nova secção do boletim. Não hesitem em enviar-nos os vossos testemunhos de graças recebidas pela intercessão do Padre Caffarel.

Chamo-me Francisco Herrera Morillas. A minha mulher e eu fazemos parte das Equipas de Nossa Senhora desde 2009, ano em que integrámos a equipa Jerez 47. Gostaria de partilhar convosco o meu testemunho pessoal da graça recebida por intercessão do Padre Henri Caffarel.

Em Dezembro de 2023, adoeci gravemente e foi-me diagnosticado um cancro do cólon em estádio 4, metastático, o que deixava prever um mau prognóstico a curto prazo. Desde o início, os casais da minha equipa e das outras equipas, bem como o grupo de Intercessores, confiaram-me à intercessão do Padre Henri Caffarel, rezando com grande constância pela sua canonização durante todo esse período.

Como não era elegível para cirurgia, o meu oncologista propôs-me uma quimioterapia para observar a reacção do tumor. Desde o início, verificou-se uma resposta muito favorável, surpreendente e invulgar ao tratamento. Em Dezembro de 2024, o meu médico informou-me de que o tumor metastático tinha diminuído o suficiente para permitir uma intervenção cirúrgica. Após duas operações (em Fevereiro e Junho passados), cerca de trinta ciclos de quimioterapia e os exames médicos habituais, o meu oncologista informou-me que, aparentemente, eu estava em remissão completa e que já não precisava de tratamento.

Estou convencido de que a intercessão do Padre Henri Caffarel desempenhou um papel determinante na minha situação actual, o que me encoraja a partilhar o meu testemunho, na esperança de que possa ser útil.

Fico à vossa disposição e saúdo-vos na paz de Cristo ressuscitado.

Francisco Herrera Morillas

Tesouro da Associação÷

Arquivos do Padre Caffarel

Brochure des Équipes Notre-Dame, 1976, páginas 47 a 67.

Francisco, quem és tu? Que tens a dizer-nos?

Conferência proferida pelo Padre Henri Caffarel por ocasião da peregrinação das Equipas de Nossa Senhora a Assis, em 1976.

Em Janeiro deste ano de 2026, foi inaugurado o ano jubilar dos 800 anos da morte de São Francisco de Assis, a 4 de Outubro de 1226.

Em primeiro lugar, tenho de esclarecer um possível mal-entendido. Um de vós escreveu-me: «Estamos surpreendidos com a sua intenção de nos falar de Francisco de Assis: não será isto, da sua parte, um sinal de desilusão e de afastamento em relação ao matrimónio e às Equipas de Nossa Senhora?». Quero deixar bem claro que não é de todo esse o caso. A escolha deste tema é motivada pela minha profunda convicção de que Cristo, por meio de Francisco, transmitiu ao século XIII nascente uma mensagem de importância capital, que essa mensagem não perdeu nada da sua actualidade — longe disso — neste nosso século XX que está a acabar e que as gerações futuras deveriam ser particularmente sensíveis a ela.

Além disso, esta mensagem diz respeito aos casais cristãos. Descobrimos isso com o primeiro casal que Francisco acolheu na sua Ordem Terceira. Lucchesio e Buona Donna, antes de conhecerem Francisco, dedicavam-se a especulações comerciais duvidosas. Convertidos pelo «poverello», passaram a consagrar as suas riquezas e a sua vida ao serviço dos indigentes. Eis o que a história nos relata sobre os seus últimos momentos: Deus permitiu que aqueles que eram um só na vida não fossem separados na morte. Quando, em Abril de 1250, Buona Donna adoeceu, Lucchesio ficou tão abalado que a doença de que ele próprio sofria se agravou subitamente. Ainda se levantou para ajudar a sua esposa a receber os últimos sacramentos; depois, pegou-lhe na mão, dizendo: «Minha querida companheira, uma vez que sempre nos amámos aqui na terra, por que não haveríamos de partir

juntos para a pátria eterna? Espera-me, pois, um pouco, peço-te». Voltou a deitar-se na cama, chamou o Padre Hildebrand, seu amigo, que lhe administrou o sacramento dos enfermos; depois, vendo que Buona Donna tinha falecido, fez o sinal da cruz, pronunciou uma última vez os nomes da Virgem Maria e de São Francisco e entregou a sua alma a Deus.

A minha intenção é, pois, apresentar-vos a mensagem de São Francisco. Mas tomai bem nota disto: enquanto a mensagem da maioria dos outros santos se expressa numa doutrina ou numa espiritualidade, a mensagem de Francisco é o próprio Francisco. Por isso, contentar-me-ei em traçar-vos o seu retrato, da forma mais fiel possível: qualquer comentário seria supérfluo.

[...]

O apaixonado por Cristo

Assim, passo a passo, provação após provação, o filho do rico comerciante de Assis foi conquistado por Cristo. Tornou-se aquele apaixonado por Cristo que vamos descobrir. Não me refiro a um simples sentimento de amor, mas sim a uma verdadeira paixão, no sentido em que a paixão mobiliza todas as forças de um ser. A vida de Francisco de Assis só faz sentido à luz desse amor apaixonado pelo Filho de Deus. Ou melhor: pelo eterno Filho de Deus feito homem. É por isso que ele ama com um amor inexprimível Aquela que deu aos homens, como irmão, o Deus de Majestade. É por isso que o Natal é a sua festa preferida. Um dia ele disse: «Se eu visse o Imperador, pedir-lhe-ia que convidasse todos os seus súbditos a espalhar grãos pelas estradas, na noite de Natal, para regalar os nossos irmãos pássaros, e particularmente as nossas queridas irmãs cotovias».

A sua vida irá desenrolar-se segundo uma lógica rigorosa, não a da razão, mas a do coração, a lógica de um amor louco. Veremos, sucessivamente, como esse amor o impele irresistivelmente a procurar um conhecimento cada vez mais perfeito do seu mestre, a imitá-lo sem falsidade e, por fim, a dá-lo a conhecer.

Desde o dia em que o Cristo de São Damião lhe falou, Francisco é tomado por uma necessidade irreprimível de conhecer Aquele que ama. Facilmente se poderiam atribuir-lhe as palavras de São Paulo aos Filipenses: *«Considero agora tudo como prejuízo, comparado com o ganho supremo que é o conhecimento de Cristo Jesus. Por ele aceitei perder tudo; considero tudo como lixo, a fim de ganhar a Cristo...*

Continuo a minha corrida para o tentar alcançar, tendo eu próprio sido alcançado por Cristo Jesus».

Onde é que ele vai procurar conhecer Jesus Cristo? Ali onde Jesus Cristo se revela: no Evangelho, na Eucaristia, na Igreja, na oração.

Francisco e o Evangelho

Como já alguém escreveu a seu respeito: «Ele procura no Evangelho a presença real, viva e actual de Cristo; é uma aparição contínua que se ergue diante dele, que se lhe revela». Imaginando que o conheceu, certamente teria apreciado a frase de Santo Agostinho: «O Evangelho é a própria boca de Jesus Cristo». Impelido por uma necessidade irresistível de compreender os pensamentos daquele que ama, não consegue passar um único dia sem ouvir Jesus Cristo no Evangelho. Quando não pode ir à missa, lê, pelo menos, o evangelho do dia. E, mesmo na sua derradeira hora, pede que lhe leiam o evangelho de São João. Mas note-se que, ao contrário de tantos cristãos que procuram no Evangelho aquilo que vai ao encontro dos seus gostos, Francisco não faz qualquer escolha entre as palavras de Deus; pretende pôr todas elas em prática. Não era como um surdo que ele ouvia as palavras de Cristo, escreve o seu primeiro historiador. Ele tinha aprendido de cor tudo o que Nosso Senhor dissera.

Francisco e a eucaristia

Se Francisco, por amar, procura conhecer o ser amado, é para chegar à união. Da mesma forma, ele anseia por essa eucaristia graças à qual quem ama e quem é amado se fundem. No Evangelho, Cristo revela-se; na Eucaristia, dá-se a si mesmo. Mas devemos abster-nos de evocar a intensidade do amor de Francisco ao comungar com o seu Deus: não se invade a intimidade de dois seres que se amam. Notemos, no entanto, um traço significativo da veneração que Francisco nutria pelo Santíssimo Sacramento: aquele homem que escolhia sempre os objetos mais humildes abria uma excepção quando se tratava do Santíssimo Sacramento: «Desejo que as sagradas espécies sejam conservadas em vasos preciosos». É esse mesmo amor pela Eucaristia que explica o seu incontestável apreço pelo sacerdócio, independentemente da dignidade ou indignidade daqueles que o exercem. Certa vez, quando um suposto reformador da Igreja lhe perguntou como é que ele, Francisco, podia assistir a missas celebradas por padres simoníacos e incontinentes, ele respondeu: «Se as mãos desse padre são como o senhor diz, não

faço ideia, mas, mesmo se forem, não podem alterar a virtude dos sacramentos. Através dessas mãos, Deus derrama sobre o seu povo uma infinidade de graças; beijo-as em honra dos bens que elas dispensam e daquele de quem são instrumentos». Decididamente, o olhar de fé de Francisco leva-o a discernir o invisível, o mistério para além das aparências, a surpreendente dignidade do sacerdote. Será que ainda somos capazes de compreender isto, nestes tempos em que o sacerdócio é vítima de um descrédito semelhante ao dos períodos mais sombrios da história da Igreja?

Francisco e a Igreja

Francisco sabe bem que este Evangelho e esta Eucaristia, dos quais o seu amor tem fome, foram confiados por Cristo exclusivamente à Igreja Romana para que esta os guarde e os administre. É por isso que, ao longo de toda a sua vida, ele amará esta Igreja com o mesmo amor apaixonado que nutre por Cristo. Talvez na Idade Média se encontrem homens tão tocados como ele pelas desordens que notam no seio da Igreja, tão sensíveis às aspirações espirituais das massas populares, mas, enquanto para remediar essas desordens e responder a essas aspirações, se separam da Igreja sob o pretexto falacioso da fidelidade a Cristo, Francisco nada empreende senão dentro da Igreja, humildemente submetido àqueles que o Senhor instituiu para guiar o seu povo. Ele sabe bem que tem de abraçar a Igreja para abraçar o seu amado Mestre.

Não faltam exemplos para ilustrar o seu amor pela Igreja. Quando surge um conflito, o seu primeiro instinto é recorrer ao seu bispo. Assim, quando o seu pai se opõe à sua vocação, ele recorre ao bispo Guy «porque, diz ele, ele é o pai e o senhor das almas». O julgamento decorre na praça pública de Assis. O bispo diz-lhe: «Devolve, pois, ao teu pai os bens que recebeste dele». Sem se deixar abalar, Francisco vai despir-se no interior do palácio episcopal e regressa, nu, para devolver ao pai o dinheiro e as roupas. O bispo, comovido — não tinha pedido assim tanto! — envolve Francisco nas pregas do seu manto, com um gesto recatado e afetuoso

É novamente ao bispo que ele se dirige quando os assisienses o acusam injustamente, a ele e aos seus primeiros discípulos, de recorrerem à mendicidade em vez de trabalharem com as próprias mãos.

Alguns anos mais tarde, sempre no mesmo espírito de submissão à Igreja, Francisco pedirá ao papa que designe, de entre os seus colaboradores mais

próximos, um protector para a sua ordem. Ele está bem ciente do risco que corre: o protector será compreensivo? Francisco confia no seu Deus. A sua docilidade para com a Igreja atingirá o seu auge mais tarde, no dia em que, depois de ter defendido com unhas e dentes, durante dois anos que foram dois anos de agonia, a regra que ele próprio redigira e que está convencido lhe ter sido inspirada pelo próprio Cristo, acabará por consentir que ela seja corrigida de acordo com os pontos de vista do Santo Padre.

Estremecemos só de pensar que, perante as incompreensões com que se deparou no alto clero, Francisco poderia ter seguido o exemplo de um Pedro Valdo ou de tantos outros, e constituído uma igreja dentro da Igreja — que muito rapidamente se teria tornado uma igreja fora da Igreja. Mas essa tentação não existe em Francisco: para ele, a Igreja e Cristo são uma só coisa — e, no entanto, Deus sabe que nem sempre era fácil, naquele início do século XIII, reconhecer o rosto de Jesus Cristo no rosto da Igreja.

Acabo de vos mostrar Francisco sedento de Jesus Cristo, procurando-o no Evangelho, na eucaristia, na Igreja. Mas, como qualquer apaixonado, ele precisa do encontro a sós com a pessoa amada. Por isso, ele segue a tradição de todos aqueles homens ansiosos por regressar ao deserto para ali rezar longamente, heroicamente, dia e noite.

Francisco e a oração

Ao longo da sua vida, mesmo quando se encontra exausto, dedica horas intermináveis à oração. A tal ponto de se dizer dele: não era tanto um homem que rezava, mas sim a oração feita homem. Os seus discípulos recorriam a artimanhas engenhosas para o seguirem, sem ele dar por isso, até aos lugares solitários, para contemplarem o seu rosto banhado em lágrimas e alegria, e para pressentirem o mistério da sua oração. Nessa oração, grande é o lugar dado ao louvor. Na verdade, toda a sua vida foi um hino de louvor ao amor daquele a quem ele chama «Altíssimo, Omnipotente, Bom Senhor» — aclamação com a qual começa o seu famoso «Cântico do Irmão Sol», do qual não posso deixar de vos ler algumas estrofes:

A ti o louvor, a gloria e toda a bênção.

A ti só, Altíssimo se hão-de prestar

E nenhum homem é digno de te nomear.

Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,

especialmente o meu senhor irmão Sol,

o qual faz o dia e por ele nos alumias.

Ele é belo e radiante com grande esplendor:

De ti, Altíssimo, ele nos dá a imagem...

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água,

Que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Fogo,

Pelo qual alumias a noite:

E ele é belo e jucundo, e robusto e forte...

Louvai e bendizei o meu Senhor, e dai-lhe graças

E servi-o com grande humildade.

Tenho agora de abrir um novo capítulo da vida de Francisco. Depois de termos visto que o seu amor o impelia irresistivelmente a procurar o conhecimento de Cristo, proponho-vos olhá-lo, movido pelo mesmo amor, a imitar Jesus Cristo. Mas será realmente um novo capítulo? Para Francisco, de facto, imitar Jesus Cristo é, mais uma vez e sempre, procurar conhecê-lo melhor. Ele precisa de imitar para compreender. Para compreender melhor Jesus Cristo, com uma compreensão que seja comunhão vital. Francisco grita-nos: «Imaginais compreender Cristo porque tendes ideias sobre ele, mas enquanto não viverdes o que Ele viveu, tal como Ele o viveu, continuareis a ser ignorantes a seu respeito!.

Assim, Francisco dedica-se de corpo e alma a imitar Jesus Cristo, ansioso por reproduzir as suas características na sua alma e no seu corpo, por conformar a sua vida à do seu Senhor. Veremos, sucessivamente, transparecer na sua vida o Cristo pobre, o Cristo fraterno para com todas as criaturas, o Cristo artífice da paz, o Cristo crucificado.

Pobre

Por que é que Francisco amava tanto a pobreza? Certamente tal pergunta tê-lo-ia deixado bastante embaraçado. O seu coração não procurava, em primeiro lugar, razões. Seria porque Cristo a prescreveu? Creio antes que ele a amava porque Cristo a amava, sem mais. Mas não nos é proibido procurar saber por que razão

Cristo e Francisco a estimavam. Sem dúvida porque a pobreza é dependência, e, para um ser que ama, depender do ser amado, esperar tudo dele, dever-lhe tudo, é uma exigência do amor.

Mas não nos detenhamos nas explicações e olhemos para Francisco, o trovador. A Pobreza é a sua Dama. Ele vai cantando nas estradas e nas praças das cidades «aquela que foi, diz ele, a companheira inseparável do Altíssimo Filho de Deus e que, desde há doze séculos, vagueia abandonada». Ele sabe falar tão bem dela que consegue, em poucos anos, reunir milhares de companheiros para a honrar, servir e fazer com que seja estimada. Ele rejeita com indignação todas as concessões em que tantos religiosos do seu tempo consentem. Nunca transige. Quereis um dos inúmeros exemplos dessa intransigência? Um dos seus discípulos pede autorização para possuir um saltério. «Quando tiveres um saltério, responde Francisco, vais querer um breviário; e quando tiveres um breviário, já não te darás ao trabalho de te mexeres e dirás, num tom superior, ao teu irmão: vai buscar-me o meu breviário, por favor!». Pegando então num punhado de cinzas, começa a esfregá-las na cabeça do discípulo: «Toma, eis o que te convém, eis o tipo de breviário de que precisas».

Uma vez que os seus irmãos são pobres, têm de trabalhar para viver. E se não encontrarem trabalho, só então — e apenas então — que mendiguem, tal como ele próprio mendigou nas ruas de Assis. Escutemos esta passagem contundente em que ele revela o fundo do seu pensamento: «Os irmãos, escreve ele na *Regra* de 1221, devem regozijar-se por se encontrarem entre as pessoas humildes e desprezadas, os pobres e os enfermos, os doentes e os leprosos, os mendigos das estradas. E, quando for necessário, que vão pedir esmola, que não tenham vergonha disso, mas que se lembrem, antes, de que Nosso Senhor, Filho do Deus vivo e todo-poderoso [...] foi pobre e peregrino [...]; e se os homens lhes infligirem humilhações e lhes recusarem a esmola, que dêem graças a Deus, pois, por essas humilhações, receberão grandes honras perante o tribunal de Nosso Senhor». Aos olhos de Francisco, o pão mendigado é como pão abençoado. Ao entrar um dia no palácio do cardeal Hugolin à hora do almoço, tira da manga os pedaços de pão preto que acaba de mendigar e oferece-os aos convivas. Adivinha-se o embaraço do prelado: tratava-se de uma refeição protocolar, em que participavam estrangeiros recebidos na sua casa pela primeira vez...

Para Francisco, a pobreza não é apenas a renúncia aos valores materiais, mas também aos valores intelectuais e à ciência especulativa. É certo que ele não despreza a ciência sagrada, mas, para os seus, almeja um caminho de salvação mais consentâneo com a sua vocação. Considera, de facto, que todo o conhecimento vem muito depois da ciência da cruz. Implacável, mandará destruir o convento de estudos que, na sua ausência, os irmãos tinham construído em Bolonha. Mais tarde, terá de consentir em que os seus discípulos recebam uma formação intelectual. Mas a advertência é clara: os valores intelectuais, tal como os valores materiais, podem perder as almas quando são procurados por si mesmos.

Exige-se aos irmãos o mesmo desapego em relação a esse bem tão precioso: as relações, as recomendações. E também a renúncia às distinções, às dignidades, a qualquer cargo elevado na Igreja. Devem honrar o qualificativo de «menores» que os designa. Francisco, no seu amor intransigente pela pobreza, chega ao ponto de exigir que se regozijem quando lhes falta a estima dos outros.

Fraterno

Porque Francisco é pobre, porque renunciou a tudo, todos os bens de Deus lhe pertencem. Assim, surge-nos uma segunda característica da sua semelhança com Jesus Cristo. Alguém escreveu: «Ninguém no Ocidente sentiu ou expressou como ele este sentimento da fraternidade universal das coisas criadas». Ele encontra nas criaturas os vestígios da ternura e da beleza divinas. Aborda-as e trata-as com extrema cortesia — essa palavra e esse comportamento que ele tanto aprecia. «A cortesia, diz ele, é um dos mais belos atributos de Deus». Ele devolve a palavra às vozes fraternas da criação, há tanto tempo mudas: esta é uma das principais características da sua espiritualidade. Como qualquer cristão, Francisco vive na comunhão dos santos, mas também — o que é menos comum — na grande comunhão cósmica. Mas que fique bem claro: esta comunhão não é sensual como a de um romance de Giono, difere radicalmente até da de um verdadeiro budista, no entanto tão notável: é cristã. Francisco, unido a Cristo, está, em Cristo e por meio de Cristo, como que numa relação de interioridade com todas as criaturas. Os animais reconhecem-no, celebram-no reunindo-se à sua passagem. Então, ele prega-lhes: «Meus pequenos irmãos pássaros, são muitos os laços que nos unem a Deus. E, quanto a vós, o vosso dever é louvá-Lo em todo o lado e sempre, devido à liberdade que tendes de voar para onde quiserdes...». Por que razão os animais lhe fariam mal? Não têm nada a temer dele. O lobo feroz que aterroriza os habitantes de

Gubbio lança-se um dia sobre ele, com a boca aberta. Francisco detém-no com um sinal da cruz: «Irmão lobo, tive a dor de saber dos crimes terríveis que cometeste nesta região... No entanto, quero reconciliar-te com o povo de Gubbio, para que eles já não tenham nada a temer de ti e para que tu também já não tenhas nada a temer nem dos seus cães, nem deles mesmos».

Acontece, embora seja raro, que as feras humanas não se deixem domar tão facilmente pelo seu amor. Um dia, enquanto Franisco faz ressoar as florestas com os seus cantos, surgem uns salteadores: «Quem és tu?», perguntaram eles. — «Sou o arauto do Grande Rei», respondeu Francisco com segurança. Os salteadores espancam-no e atiram-no para a neve, no fundo de uma ravina... Só consegue sair de lá com grande esforço e, quando aqueles brutamontes se afastam, retoma o seu caminho cantando ainda com mais entusiasmo.

Francisco não admite que os seus irmãos maltratem os salteadores dos caminhos. Ao impetuoso guarda de um convento que expulsou os ladrões, ele diz: «Comportaste-te como um ímpio; vais correr por montes e vales até os encontrares e, assim que os avistares, gritar-lhes-ás: Vinde, irmãos salteadores, vinde comer as coisas boas que o irmão Francisco vos pede que aceiteis». E, de facto, eles vieram e — o que é ainda mais admirável — converteram-se e entraram na família franciscana. De entre todas as criaturas, os seus preferidos são os leprosos, cujo amor só conseguiu conquistar através de um acto heróico. Sempre que tem algum tempo livre, vai viver no meio deles. Mas provavelmente estou errado ao dizer que os leprosos são os seus preferidos: acima de todos os seres, ele ama os irmãos da sua ordem. Estes consideram-no como uma mãe infinitamente terna: «mater carissima», diz Celano, o seu primeiro historiador. E como não mencionar a maravilhosa amizade que nutre por aquela jovem de uma família nobre de Assis, que, sob a sua orientação, se tornará Santa Clara, e o seu carinho por aquelas que se reuniram em torno de Clara! No entanto, também tem palavras severas em relação às mulheres. Estas explicam-se pelo seu amor pelos irmãos, cuja vocação ele pretende proteger zelosamente. Ele ordena-lhes que «evitem a todo o custo o doce veneno que é a conversa das mulheres...» e acrescenta: «Proteger-se do mal ao conviver com as mulheres é tão difícil como andar sobre o fogo sem queimar os pés». No entanto, à hora da morte, faz saber à sua grande amiga, a quem curiosamente chamava de «irmão Jacqueline», que está prestes a morrer, que a esperava e que lhe

pedia que trouxesse um daqueles deliciosos bolos de amêndoa que ela sabia fazer tão bem.

Artífice da paz

Por ser fraterno para com as criaturas, Francisco pôde, seguindo o exemplo de Cristo, exercer o ministério próprio das almas fraternas que é a reconciliação, ministério que consiste justamente em levar todos os seres a considerarem-se irmãos e a amarem-se como tal. Extraordinariamente pitoresca e simbólica é a reconciliação que ele opera, como vimos, entre o lobo e os habitantes de Gubbio. Mas o seu ministério de reconciliação alcança vitórias ainda mais difíceis: a reconciliação entre o bispo e o «podestà» (prefeito) de Assis, e a dos seus respectivos partidários, que se enfrentam violentamente. Por fim, não conseguem resistir a Francisco e fazem as pazes publicamente. Noutra ocasião, e mais uma vez graças a Francisco, os nobres e os burgueses da cidade renunciarão às suas oposições sangrentas e adoptarão uma «carta comunal». Mas, não nos iludamos, este ministério de reconciliação é bem mais do que a aspiração de um coração terno, incapaz de suportar a visão de uma disputa: para Francisco, é a própria honra do Pai do céu que está em jogo quando os seus filhos se destroem mutuamente.

O amor à cruz

É sem dúvida no seu amor à cruz que Francisco nos parece tão semelhante ao seu Mestre. Mesmo se Cristo não tivesse declarado explicitamente *«Quem quiser ser meu discípulo, que tome a sua cruz todos os dias»*, Francisco tê-lo-ia compreendido: sem a cruz, ter-se-ia visto separado de Cristo, porque a cruz é inseparável de Cristo. Ele ama-a porque Cristo a amou. E Cristo amou-a porque ela era o meio de proclamar o seu amor, um amor mais forte do que o sofrimento e a morte. A cruz é a imolação desse instinto vivo, tenaz, tão difícil de erradicar: a procura de si mesmo. Francisco sabe bem que, enquanto esse instinto não for aniquilado, o homem permanece, em maior ou menor grau, separado daquele que pretende amar. Por isso, com que fervor ele abraça a cruz, como nunca um homem abraçou uma mulher! É sempre o amor que, nele, explica tudo.

Mas é importante notar que esse amor pela cruz não é, para Francisco, uma busca de desempenho: não seria isso, afinal, uma busca de si mesmo, até mesmo na imolação de si mesmo? Havia, sem dúvida, algo disso nas mortificações que alguns dos seus discípulos impunham a si próprios. É por isso que, durante uma

grande reunião, Francisco ordena que todos os que trazem cilício e cinto de ferro os retirem imediatamente: forma-se assim uma pilha impressionante! Talvez entre as minhas ouvintes haja alguma que tenha vontade de perguntar a Francisco: «E se o meu cilício for o meu marido?». Isso já é outra história!

Tal como Cristo, Francisco não procura o sofrimento pelo sofrimento; mas, quando este se impõe, ama-o. Não é para sofrer que ele vive no despojamento total, que vai mendigar no meio dos escárnios das crianças de Assis, que cuida dos leprosos. É, como vimos, para se assemelhar ao seu Mestre. Não é menos verdade que ele guarda em si uma esperança secreta: morrer mártir como Jesus Cristo, por Jesus Cristo, pois sabe — mais exatamente, sente no seu coração, tal como o seu Mestre — que não há maior amor do que dar a vida por aqueles que amamos. É por isso que decide partir para o Egipto e, se lá não encontrar a morte, a culpa não é, de forma alguma, sua! O sultão arma-lhe uma cilada da qual Francisco escapa com habilidade e humor. Manda estender um tapete salpicado de cruzes antes da chegada de Francisco, pensando para si mesmo: «Se ele o pisar, acusá-lo-ei de ultrajar o seu Deus. Se ele se recusar a avançar na minha direção, acusá-lo-ei de me ultrajar». Francisco avança sem hesitar: «Devias saber, diz ele ao sultão, que havia várias cruzes no Calvário: a de Cristo — que é a nossa — e as dos dois ladrões, e estas eu não tenho qualquer escrúpulo em pisar».

Reconheçamos, ao terminar este parágrafo, que, ao contrário do que uma imagem comum tenderia a sugerir, o sofrimento foi o companheiro inseparável de Francisco: a doença que o perseguiu ao longo de toda a sua existência e que provocou a sua morte prematura (sem dúvida a tuberculose), as tentações violentas que o assaltaram em certos períodos cruciais da sua vida, o cativeiro, a cegueira que o atingiu nos seus últimos anos e, muito mais cruéis do que todas estas provações, as contestações agressivas que certos irmãos da sua ordem não lhe pouparam.

O mais alegre

Apressemo-nos a acrescentar que o mais sofredor dos santos foi também o mais extraordinariamente alegre, e não apesar do sofrimento, mas graças a ele. Ele desconhece a aflição e a angústia. Não há lugar para elas no seu coração. Estas são normalmente geradas pelo medo. Ora, do que teria ele medo: medo de Deus, quando se sabe amado por ele? Medo dos homens? Eles não têm nada para lhe tirar, uma vez que ele nada possui; da sua reputação? Não se importa com isso; da sua vida? Ele está ansioso por a dar; medo do sofrimento? Mas ele ama-o; medo da

humilhação? Mas não é possível humilhá-lo, tanto ele se humilha a si próprio. Liberto do medo, Francisco é um ser livre. A sua carne e o seu coração podem ser dilacerados pelo sofrimento, mas a sua alma profunda permanece em festa — a festa de um amor feliz por ter oportunidade de se provar. E o arauto do Grande Rei faz ressoar, com os seus cânticos, os bosques e o campo.

A vida de São Francisco, que resposta maravilhosa para aqueles que, num recente programa da televisão francesa, afirmavam que um cristão é inevitavelmente um neurótico! *«Que a minha alegria esteja em vós e que a vossa alegria seja completa»*, este desejo de Jesus Cristo concretizou-se em Francisco. «A alegria espiritual, afirmava ele, é tão necessária à alma como o sangue o é ao corpo». O superior-geral da ordem, que se preocupava com a reputação de Francisco, fez-lhe notar, quando este estava prestes a morrer: «Pai amado, por meu lado, regozijo-me por seres tão alegre; mas, nesta cidade que te considera um santo, receio que se escandalizem ao ver que não te preparas de outra forma para a morte». «Deixa-me, irmão, respondeu Francisco, pois, apesar do que estou a sofrer, sinto-me tão próximo de Deus que não consigo deixar de cantar». Francisco viveu na alegria e, através da sua morte na alegria, alcançou a alegria infinita.

Impaciência missionária

Lamento não ter tempo para aprofundar um capítulo fundamental da vida de São Francisco de Assis: a sua impaciência missionária. O seu amor a Cristo impele-o a fazer com que os outros admirem, amem e sigam Aquele que ele ama, Aquele que o seduziu. E, de facto, apresenta imediatamente àqueles que encontra a pessoa viva de Cristo. Quando pensamos que, em 1217, apenas onze anos após a sua conversão, já se reuniam cinco mil irmãos, comprometidos com a ordem, para o que ficou conhecido como «o Capítulo das Esteiras»! Mas não lhe basta reunir um grande número de homens na família espiritual que fundou; ele quer que homens e mulheres comprometidos com o matrimónio e a vida no mundo se unam ao ideal que recebeu a missão de proclamar: é então que funda a Ordem Terceira, em que se reunirão tanto camponeses analfabetos como reis (São Luís de França, São Fernando de Castela), princesas (Santa Isabel), papas, homens célebres tais como Dante, Petrarca, Miguel Ângelo, Cristóvão Colombo e tantos outros. É esse mesmo amor a Cristo que há nele, ansioso por se comunicar, que o leva a enviar os primeiros franciscanos por todo o mundo: envia-os a França, Espanha, Hungria, Inglaterra, por todo o Sacro Império e, muito rapidamente, para os países ditos «infiéis» (Marrocos,

Egipto, Síria...), onde alguns virão a sofrer o martírio — o que despertará o ciúme no coração do seu pai Francisco.

No final da sua vida, a sua impaciência missionária acentua-se ainda mais. Depois de ter composto «O Cântico do Irmão Sol», deseja que o irmão Pacífico vá cantá-lo a todos os homens do mundo. Não duvida de nada: dita uma carta aos «chefes de povos, cônsules, juízes e governadores de todos os países», pedindo-lhes «que nomeiem um arauto que, todas as noites, tenha a tarefa de convidar o povo a louvar e agradecer ao Senhor»: certamente tinha ficado impressionado com o chamamento do muezim em terras do Islão.

Tenho de me limitar — haveria tantas outras coisas a dizer sobre este amor em constante expansão!

Alguns dos nossos contemporâneos, mesquinhos, acusam Francisco de esquecer as realidades da terra, censurando essa espiritualidade por favorecer a evasão. Esta crítica é hoje dirigida a todos aqueles para quem a preocupação com a evangelização é primordial. No entanto, não disse Cristo ~~disse~~: *«Procurai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais se vos dará por acréscimo»*? Pois bem, foi precisamente desse acréscimo que a sociedade do século XIII beneficiou, graças a Francisco de Assis. E eis como. A regra da ordem terceira incluía, nomeadamente, a proibição de empunhar armas e de prestar qualquer tipo de juramento solene sem a autorização do papa. Ora, toda a estrutura política da Idade Média assentava no juramento. Prestava-se juramento ao suserano ou à comuna e, a partir daí, era-se obrigado a pegar em armas e a abraçar as suas causas, por mais injustas e arbitrárias que fossem. Ser senhor do juramento significava, portanto, para o papado, dispor de um poder considerável, que lhe permitia quebrar a resistência das comunas, opor-se ao poder civil e pôr o próprio Imperador em xeque. Como se pode facilmente adivinhar, as consequências sociais desta proibição do juramento foram incalculáveis, assim que os terciários se espalharam pelo país e no estrangeiro. Uma revolução política e social, sim, em todo o sentido da palavra. E cujo autor foi o mais seráfico dos santos!

Estigmatizado

Mencionemos por fim a etapa suprema da vida de Francisco: o milagre dos estigmas. Francisco acaba de passar por uma agonia infinitamente cruel durante dois anos, aqueles dois anos em que se elaborou a regra dos frades menores. Mas, logo após a aprovação por Roma deste documento fundamental, a agonia de

Francisco cessa. Sente então uma necessidade imperiosa de solidão e refugia-se com alguns dos seus primeiros companheiros no Monte Alverne, num cenário majestoso de montanhas e vales selvagens. Reza, reza fervorosamente, dia e noite. E eis que, um dia, pouco antes do nascer do sol, implora a Cristo, com lágrimas ardentes: «Senhor, peço-te duas graças antes de morrer: a de sentir em mim, na medida do possível, as dores da tua cruel paixão, e a de sentir por ti o mesmo amor que te levou a imolares-te por nós». De repente, aparece-lhe um serafim com a imagem do Crucificado. Ele fixa o olhar em Francisco e, quando o deixa, encontram-se milagrosamente impressos na carne de Francisco os estigmas da crucifixão. Estes nunca desaparecerão e, ao longo dos dois últimos anos da sua vida, serão muitos os que os verão e darão testemunho disso, jurando sobre o Evangelho.

Como devemos compreender este acontecimento que faz de Francisco um ícone vivo do Crucificado? O extraordinário não é o mais importante, e é realmente lamentável que os hagiógrafos e o povo cristão dêem mais ênfase ao milagre do que à realidade profunda. O dom dos estigmas é um desfecho: dezoito anos antes, Cristo crucificado aparece ao jovem Francisco; comovido, este compreende que foi o amor, e não os carrascos, quem crucificou Jesus Cristo; e começa a amar loucamente o Amor. Mas não é impunemente que se brinca com o Fogo: o amor iria queimá-lo, crucificá-lo também, dia após dia. E naquele 14 de Setembro de 1224, na austera solidão do Alverne, após a partida do serafim, Francisco poderia, se não fosse tão humilde, fazer sua a frase de São Paulo aos Gálatas (2,19): «*Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*». É isto que significa ser discípulo de Cristo, é isto a santidade cristã. E Jesus Cristo quer proclamá-lo a este século XIII nascente, numa altura em que os bens materiais e os valores intelectuais correm o risco de fascinar as multidões e, em primeiro lugar, as elites da cristandade. Quer proclamá-lo numa linguagem forte, indiscutível, capaz de convencer os corações ainda mais do que as mentes. É por isso que faz com que a crucifixão interior de Francisco se manifeste na sua carne, de forma indiscutível. Mas que ninguém se engane: os estigmas não são condecorações destinadas a atrair para um homem a homenagem das multidões. Em Francisco, tornaram-se pura transparência, Cristo crucificado a manifestar-se ao mundo. — Gosto de pensar na comovente gratidão de Jesus Cristo para com o seu amigo Francisco, que lhe concedeu todo o espaço dentro de si.

E nós, homens deste século XX que está a acabar, numa altura em que uma civilização se desvanece, devemos, tal como os habitantes de Assis em 1224, contemplar longamente Francisco, ícone vivo de Jesus Cristo. E acolher nos nossos corações a sua mensagem: o cristão deve ser outro Cristo; se não for isso, não é nada.

Mas atenção...

Mas atenção: uma tentação subtil espreita-nos. Talvez até já se tenha introduzido nos nossos corações, insinuando que Francisco é mais admirável do que imitável, que o seu ideal e a imitação da sua vida são irrealizáveis. Não deviam os frades menores, segundo ele, abster-se de possuir qualquer bem, habitar cabanas de ramos e barro? Ora, isso não era realista; foi necessário renunciar a isso, e já a partir da segunda geração de discípulos, ainda em vida do próprio Francisco. Não deveriam os frades menores negligenciar os valores intelectuais? Ora, Francisco teve de fazer marcha atrás: era indispensável que os seus irmãos tivessem conventos de estudo. Por isso, não nos é difícil reconhecer aquilo que se designa por «excessos» de Francisco. Depois de termos sentido uma profunda comoção, ao recebermos em cheio a mensagem de Francisco, a ponto de ficarmos sem fôlego, voltamos a respirar. E partiremos de Assis satisfeitos por termos cedido por um instante à emoção do Evangelho, mas firmemente decididos a não nos rendermos ao «bom senso». Por favor! Não cedamos a esta tentação. Não é mais honesto escolher e descartar partes da mensagem do estigmatizado do que escolher e descartar partes da mensagem do Crucificado.

Mesmo aquilo que não é exequível — viver em cabanas, renunciar ao estudo — dá-nos uma lição indiscutível: as riquezas materiais, a estima dos homens, as honras, o poder, as especulações da razão são, todos eles, obstáculos intransponíveis à união com Cristo, se cedermos, nem que seja minimamente, à tentação de nos deleitarmos neles e de nos apegarmos a eles: *«Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração»*. Ao discípulo de Cristo — seja ele religioso ou casado — impõe-se o desapego interior total. O amor é intransigente: ninguém pode servir a dois senhores, ninguém pode amar dois seres. Mas aquele que está unido ao único Mestre pode e deve, em seu Nome, servir e amar todas os seres.

Henri Caffarel

Oração para a canonização do Venerável Servo de Deus Henri Caffarel

Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho
e o inspirou a falar dele.
Profeta do nosso tempo,
ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um
segundo a palavra que Jesus dirige a todos: «Vem e segue-me».
Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do sacramento do matrimónio,
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo, entre Cristo e a Igreja.
Mostrou que Padres e casais
são chamados a viver a vocação do amor.
Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.
Impelido pelo Espírito,
conduziu muitos crentes no caminho da oração.
Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.
Deus, nosso Pai,
pela intercessão de Nossa Senhora,
nós te pedimos que apresses o dia
em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito.
Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para...
(Indicar a graça a pedir)

Oração aprovada por Monsenhor André VINGT-TROIS – Arcebispo de Paris.
"Nihil obstat": 4 Janeiro 2006 – "Imprimatur": 5 Janeiro 2006

No caso da obtenção de graças pela intercessão do Padre Caffarel, contactar com o postulador
Association "Les Amis du Père Caffarel", 49 rue de la Glacière – F 75013 PARIS — França

Associação dos Amigos do Padre Caffarel

Membros honorários

Jean e Annick ALLEMAND, antigos colaboradores permanentes, biógrafo do Padre Caffarel ✝

Louis ✝ e Marie d'AMONVILLE, antigos responsáveis da Equipa Responsável, antigos colaboradores permanentes

Igar ✝ e Cidinha FEHR, antigos responsáveis da ERI[1]

Mons. François FLEISCHMANN, conselheiro eclesiástico da Associação dos Amigos do Padre Caffarel ✝

Álvaro e Mercedes GOMEZ-FERRER, antigos responsáveis da ERI[1]

Pierre e Marie-Claire HARMEL, equipistas, antigo ministro belga ✝

Cardinal Jean-Marie LUSTIGER, arcebispo emérito de Paris ✝

Odile MACCHI, responsável geral da «Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição»

Marie-Claire MOISSENET, presidente honorária do Movimento «Esperança e Vida»

Pedro e Nancy MONCAU, fundadores das ENS no Brasil ✝

Françoise et Luc DJOKA, responsáveis dos «Intercessores»

Mons. Éric de **MOULINS-BEAUFORT**, arcebispo de Reims

José e Maria Berta MOURA SOARES, antigos responsáveis da ERI[1]

O priorado de NOSSA SENHORA de CANÁ (Troussures)

Padre Bernard OLIVIER, o.p., antigo conselheiro espiritual da ERI[1]✝

René RÉMOND, membro da Academia Francesa ✝

Gérard e Marie-Christine de ROBERTY, antigos responsáveis da ERI[1]

Sylvie SIMON, presidente do Movimento «Esperança e Vida»

Mons. Guy THOMAZEAU, arcebispo emérito de Montpellier

Cardeal André VINGT-TROIS, arcebispo emérito de Paris ✝

Carlo ✝ e Maria-Carla VOLPINI, antigos responsáveis da ERI[1]

Danielle WAGUET, colaboradora e executora testamentária do Padre Caffarel

[1]ERI: Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora

Postulador da causa de canonização do padre Caffarel em Roma:
Padre Zdzislaw Kijas, o.f.m.conv

Vice-postulador romano da causa de canonização do padre Caffarel:
Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

Diretor desta publicação:
Alberto Pérez

Equipa Redatorial:
Loïc e Armelle Toussaint de Quiévrecourt

LES AMIS DU PÈRE CAFFAREL
Association Loi 1901 pour la promotion de la cause de canonisation du père Henri Caffarel

49 RUE DE LA GLACIÈRE (7e étage) F-75013 PARIS
Tel : + 33 1 43 31 96 21
Courriel : association-amis@henri-caffarel.org Site Internet : www.henri-caffarel.org

JÁ PENSOU EM RENOVAR A SUA ADESÃO À ASSOCIAÇÃO?

Adira e pague online via Paypal: www.henri-caffarel.org

Adesão à Associação Les Amis du Père Caffarel

Apelido: .....

Nome(s): .....

Endereço: .....

Código postal: ..... Localidade: .....

País: .....Telefone:.....

Endereço electrónico:.....@.....

Atividade profissional/religiosa: .....

Renovo/Renovamos a minha/nossa adesão à Associação
«Les Amis du Père CAFFAREL» para o ano 2026
Satisfaço/Satisfazemos a quota anual: Membro aderente: 10 €
Casal aderente: 15 €
Membro benfeitor: 25 € ou mais
Assinatura :

Para efectuar o pagamento, *dirija-se ao correspondente dos «Amigos do Padre Caffarel» da sua Supra-Região ou Região, cujas coordenadas são as seguintes**:***

Portugal: Margarida e João Paulo MENDES: **pe.caffarel@ens.pt**

Brasil: Katie e Alexandre DE FREITAS**:** **pe.caffarel@ens.org.br**

ou por transferência para a conta: BP RIVES DE PARIS : IBAN : FR76 1020 7003 2224 2184 4377 087 BIC : CCBPFRPPMTG

Peço-vos o envio de informação e pedido de adesão para as seguintes pessoas:

Apelido: .....

Nome: .....

Endereço: .....

Código postal ..... Localidade: ....

País: .....

Email: .....@.....

Apelido: .....

Nome: .....

Endereço: .....

Código postal ..... Localidade: ....

País: .....

Email: .....@.....

Apelido: .....

Nome: .....

Endereço: .....

Código postal ..... Localidade: ....

País: .....

Email: .....@.....